

A INSATISFAÇÃO DO HOMEM EM ARTHUR SCHOPENHAUER

COELHO, José Lucas¹

RU 2265793

RESUMO

O presente artigo examina como o pensamento do filósofo alemão Arthur Schopenhauer aborda a insatisfação humana, tendo como base sua principal obra, O mundo como vontade e como representação. Verificam-se as influências deixadas na sua filosofia diante dos fatos ocorridos na sua adolescência, para depois analisar os conceitos de representação e vontade, e como eles se manifestam principalmente no homem. O objetivo preponderante é o da investigação do porquê o ser humano é tão insatisfeito com o que conquista, ao mesmo tempo que está sempre desejando algo novo. Através de uma pesquisa bibliográfica, explora-se a pedagogia do pensamento schopenhaueriano sobre a relação do sujeito com o mundo e sua singularidade. O artigo conclui que o homem vive numa situação de insatisfação permanente porque está sempre cedendo ao seu querer, com a ilusão de corresponder aos anseios da vontade. Esta será sempre insatisfeita, e para negá-la, o indivíduo precisará sair de si mesmo, ora indo ao encontro das pessoas que mais necessitam, ora recusando os pedidos que a vontade lhe suplicará.

Palavras-chave: Schopenhauer. Vontade. Representação. Insatisfação.

1. INTRODUÇÃO

A relação do homem com tudo aquilo que está ao seu redor, a maneira com a qual ele conhece o mundo, identifica as coisas que nele estão presentes e suas conclusões, sempre foi objeto de relevância para filosofia. A pluralidade de indivíduos, porém, faz com que existam também uma pluralidade de pensamentos e modos com o qual esse processo é percebido. A presente pesquisa objetiva analisar o pensamento do alemão Arthur Schopenhauer que em sua obra prima O mundo como vontade e como representação, obra que anos mais tarde influenciaria pensadores como Freud e Nietzsche, identifica como o homem percebe todas as coisas e como ele é amiúde movido por uma vontade que quer a todo instante ser satisfeita.

Analisando o pensamento schopenhaueriano é perceptível a divisão do mundo em dois polos, de um lado inteiramente representação, onde o ser humano entrando

¹ Aluno do curso de Bacharelado em Filosofia do Centro Universitário Internacional UNINTER.

em relacionamento com tudo o que existe no mundo, retira suas conclusões e conceitos. Do outro, inteiramente vontade, que corresponde a essência de todas as coisas, a força que as move, ela está presente desde as estruturas mais ínfimas da natureza, até as ambições do ser humano que deseja a todo instante ser satisfeito.

Este estudo de natureza de revisão bibliográfica, após apresentar as características mais importantes dessas duas partes e como elas agem na vida do homem, procura responder a problemática: Qual a causa da constante insatisfação sentida pelo homem segundo Schopenhauer, e qual a colaboração de suas percepções para gerar a liberdade no mesmo?

Dada a realidade dramática em que se encontra o homem do século XXI, onde se percebe uma alta aquisição de antidepressivos, altas taxas de suicídio, um consumismo cada vez mais descontrolado, e tudo o mais que esteja relacionado com a sua insatisfação diante da vida em geral, a filosofia de Schopenhauer ressoa como uma ferramenta ainda atual, a fim de auxiliar o homem pós-moderno na identificação das causas que o levam a tal aprisionamento, assim como que caminho trilhar para libertar-se desse mal.

2. O ITINERÁRIO DE ARTHUR SCHOPENHAUER E OS REFLEXOS DEIXADOS NA SUA FILOSOFIA

Primeiro filho de um rico comerciante chamado Henri Floris Schopenhauer que fora casado com uma pobre donzela, Johanna Henriette Trosina, que trazia o desejo de ser aceita na comunidade burguesa, o pequeno Arthur nasce aos 22 de fevereiro de 1788 na cidade de Danzig, atual Alemanha. Trazia já no nome uma peculiaridade, pois Arthur, que é um nome inalterável em várias línguas, parecia já prefigurar as experiências que ele faria em diversos países, e sobretudo, o seu pensamento que chegaria a tantas partes do mundo.

Aos 9 anos, sua família parte para Paris, onde permanecem por dois anos, tempo suficiente para que ele pudesse aprender bem a língua e alguns costumes franceses, até retornarem para Hamburgo, na Alemanha. Seu sonho era dedicar-se às letras, mas seu pai, um comerciante bem-sucedido na vida, gostaria que o filho seguisse seus passos. Arthur era resistente, e seu pai com o intuito de convencê-lo,

prometeu-lhe dar uma viagem pela Europa, se ao fim, ele concordasse em fazer os estudos comerciais.

Aos 15 anos de idade, Schopenhauer inicia uma aventura que iria marcar para sempre a sua vida, ao ponto de deixar traços que seriam observados futuramente no desenvolvimento da sua filosofia. Sua aventura se inicia quando vão de Hamburgo para a Holanda, depois seguem para a Bélgica, até chegarem novamente na França, onde visitam várias cidades. Schopenhauer ainda conheceu a Inglaterra, a Suíça e a Áustria. Depois que retornou da empreitada que durou dois anos, ele então foi cumprir o que havia prometido ao pai e fazer seus estudos comerciais em 1804.

Em 1807, um ano após a morte de seu pai que despencara de uma janela, Arthur interrompe seus estudos, e dois anos mais tarde, inicia um curso de medicina, o qual iria trocar seis meses depois para, finalmente, começar seus estudos filosóficos na Universidade de Göttingen. Lá, ele seria motivado a se aprofundar nos ensinamentos de Platão e Kant, o que irá influenciar profundamente o seu pensamento nos anos posteriores.

Os acontecimentos da vida de Schopenhauer, a viagem por vários países da Europa, que lhe proporcionou a observação atenta da natureza nos lugares que conheceu, desde as suas manifestações mais simples, o relacionamento dos homens assistido em tantas culturas diferentes, somadas à morte trágica do pai, são fatos que contribuíram muito para a elaboração de sua obra magna, *O mundo como vontade e como representação*, publicada em 1819. Ela teria seu reconhecimento muitos anos depois após a sua publicação, Schopenhauer ainda tivera a alegria de ver sua terceira edição, antes de morrer aos 72 anos em 1860.

2.1 O MUNDO É MINHA REPRESENTAÇÃO

O que a filosofia de Schopenhauer tem como ponto de partida não é o sujeito, nem o objeto, mas a representação, que é o lado da cognoscibilidade do mundo, ou seja, o que pode ser conhecido. Afirmar isso já revela a singularidade do seu pensamento, pois se os empiristas, inspirados por Thomas Hobbes e John Locke dão ênfase ao mundo sensível e empírico, e os racionalistas, influenciados por René Descartes e Leibniz ao campo racional e das ideias, para ele a relação entre homem e o conhecimento se dá de outra maneira. O ser humano conhece o mundo que o cerca apenas como representação, ele, por exemplo, “não conhece Sol algum nem

Terra alguma, mas sempre apenas um olho que vê um Sol, uma mão que toca uma Terra” (SCHOPENHAUER, 2013, p. 3). O mundo inteiro seria, portanto, objeto em relação ao sujeito, uma intuição de quem intui, uma representação. Tudo o que pertence ao mundo estará sempre condicionado ao sujeito, existindo somente para este. É ele quem o observa e dá significação para todas as coisas.

A forma primeira e universal desse mundo como representação seria a divisão em sujeito e objeto, que ao invés de serem substâncias isoladas, são essencialmente relativos um ao outro. O sujeito só é sujeito para um objeto, e do mesmo modo, o objeto assim só o será para um sujeito. Não são independentes, e existem apenas relativamente um para o outro, são duas metades essenciais e inseparáveis. Assim sendo, perceber-se que o mundo como objeto para um sujeito é somente aquilo que ele parece ser e não como ele é em si mesmo. Assim, descreve essas duas metades Schopenhauer:

Uma é o objeto, cuja forma é o espaço e tempo, e, mediante estes, pluralidade. A outra, entretanto, o sujeito, não se encontra no espaço nem no tempo, pois está inteiro e indiviso em cada ser que o representa; por conseguinte um único ser que representa, com o objeto, completa o mundo como representação (2013, p. 6).

Para o filósofo alemão a diferença principal entre todas as nossas representações, se dá entre a intuitiva e a abstrata. As representações intuitivas dizem respeito a todo mundo visível, à experiência, abrangendo também suas condições de viabilidade, elas pertencem também aos animais pois possuem sensibilidade e entendimento. Schopenhauer colocará um limite essencial entre a razão, que sempre se limitará ao saber, e o entendimento, que livre de toda intervenção da razão, será o responsável pela intuição. As representações abstratas têm somente uma classe de representações, os conceitos, estes exclusivos do ser humano, já que possuem uma capacidade que os difere dos animais, conhecida como razão.

Enquanto o sujeito se encontra na intuição, de modo puro, tudo permanece claro, com certeza e firmeza. Os questionamentos, as dúvidas, os erros são inexistentes, não se quer ir além, porque também não se pode; existe tranquilidade e satisfação no presente. A intuição é suficiente para si mesma, tudo o que dela é originado e a ela permanece fiel, sempre estará certo, nunca poderá ser falso e nem contraditório, pois enquanto tudo permanecer nesta etapa, nada será questionado. Porém, quando a intuição é somada ao conhecimento abstrato, à razão, a dúvida e o

erro tornam-se possíveis ao domínio teórico, enquanto cuidado e remorso ao que é prático. Se de um lado, na representação intuitiva, a ilusão pode deformar a realidade, do outro, na representação abstrata, o erro pode permanecer por muitos anos. Pois a ausência de questionamentos gera comodidade, e uma convicção errônea, uma visão desfigurada da realidade.

Sintetizando as funções do entendimento, representação intuitiva, e da razão, representação abstrata, assegura Schopenhauer:

Da mesma forma que o entendimento possui só UMA função, o conhecimento imediato da relação de causa e efeito, a intuição do mundo efetivo; e assim como a inteligência, a sagacidade e o dom da descoberta, que, por mais variados que sejam os seus usos, manifestamente nada mais são que exteriorizações daquela única função; também a razão possui apenas UMA função: formação de conceitos [...] e é em referência ao emprego ou não emprego dessa função que se interpreta absolutamente tudo o que em geral e em qualquer tempo se denominou racional e não racional (2013 p. 45).

Explicando o conceito de representação schopenhaueriana, o filósofo francês Alain Roger, professor da Universidade Blaise Pascal de Clermont-Ferrand conhecido por seu Vocabulário de Schopenhauer, destaca as influências kantianas que marcam o pensamento de Schopenhauer, e a relação dos termos por ele utilizado em relação aos de Kant: “Logo, a representação é o mundo, tal como ele aparece no ato perceptivo, e ela se define como a relação indissolúvel do sujeito percipiente com o objeto percebido. [...] A representação é o equivalente do ‘fenômeno’ kantiano.” (ALAIN, 2013, p. 45). Para Roger, as duas diferenças de Schopenhauer no tocante ao pensamento de Kant em relação à representação, se dá na fisiologia, visto que Kant usa a expressão “faculdade de conhecer” e Schopenhauer identifica o “cérebro”, como faculdade representativa, o entendimento; e a segunda se dá no fato de entender o fenômeno de Kant como uma aparência, um encantamento, um sonho, uma ilusão.

Para Jair Barboza, professor do departamento de filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, estudioso e tradutor de alguns livros de Schopenhauer, a filosofia schopenhaueriana pretende-se uma filosofia transcendental. Ela analisa e estimula, ao seu modo, as formas *a priori* da mente que viabilizam o cognoscibilidade do mundo, deste modo, o termo transcendental é empregado como Kant o pensava, isto é, como o conhecimento ocupado com os conceitos que temos das coisas em geral. Para Barboza

o termo representação indica algo, colocado (Stellung) diante de (Vor). Porém esse estar-colocado-diante-de pressupõe um sujeito que intui. O mundo é representação de quem representa. [...] Em última instância, o mundo é o entrelaçamento de representações, de intuições empíricas, ou fenômenos. Só que, fundamentando-as – e aqui Schopenhauer atribui um colorido particular ao transcendental de Kant –, há o *princípio de razão*, que como adiantamos, reza que ‘nada é sem uma razão pela qual é’, e, como somatória de espaço, tempo e causalidade, enquanto formas cognitivas inatas, é sinônimo do próprio entendimento, que também é chamado por Schopenhauer de cérebro (2003, p. 19-20).

Destarte, conhecendo o conceito de representação em Arthur Schopenhauer, conhecemos “apenas um lado do mundo” (SCHOPENHAUER, 2013, p. 36), a sua parte mais externa. Porém, existe um outro lado, uma região mais íntima, mais essencial, a coisa em si, a vontade.

2.2 O ENIGMA DA VONTADE

Schopenhauer não satisfeito em saber que o homem possui representações sobre tudo que o envolve, que estas sempre estão conectadas entre si, e que a manifestação dela é o princípio da razão, quer ir além. Quer conhecer, descobrir, o significado delas: indaga-se, então, se não existiria algo mais do que apenas representação. Se a vida é como um sonho sem essência, ou se de fato existe outra coisa. E para alcançar essa resposta é preciso tomar um caminho diferente do trilhado anteriormente: as leis que relacionam objetos, agora não serão mais suficientes, o fio condutor precisa mudar. A posição precisa ser outra para se chegar ao conhecimento da essência:

Vemos, pois, que DE FORA jamais se chega à essência das coisas: por mais que se investigue, obtêm-se tão somente imagens e nomes. Assemelhando-nos a alguém girando em torno de um castelo, debalde procurando sua entrada e que de vez em quando desenha a sua fachada. No entanto, este foi o caminho seguido por todos os filósofos que me antecederam (SCHOPENHAUER, 2013, p. 116).

Começa a exploração schopenhaueriana sobre um dos aspectos mais singulares de sua filosofia, que ele considera única. O sujeito aparece como um importante protagonista na descoberta do “outro lado do mundo”, ele que possui representação sobre todas as coisas, por meio do seu o entendimento percebe que seu corpo é também um objeto entre objetos, o que lhe permite ser um investigador que analisa a si mesmo.

O sujeito, porém, percebe que as ações e movimentos desse corpo não lhe são estranhos e incompreensíveis como as mudanças dos demais objetos intuitivos – neologismo schopenhaueriano que remonta a representação intuitiva, explanada anteriormente quando descritas as duas formas de representação – sua significação é percebida de uma maneira diferente. Ele constata que as motivações de suas ações não seguem a constância de uma dada lei, em relação a outros objetos: a partir de estímulos, causas e motivos. Se assim fosse, conseguiria ele nomear a essência íntima de suas ações exteriores, mas não obteria uma cognoscibilidade profunda. Olhando para si, o homem constata uma força interior, a qual será apresentada por Schopenhauer:

A palavra do enigma é dada ao sujeito do conhecimento que aparece como indivíduo: e tal palavra recebe o nome de VONTADE. Esta, e somente esta, fornece-lhe a chave para a sua própria aparência, manifesta a significação, mostra-lhe a engrenagem interior do seu ser, do seu agir, dos seus movimentos (2013, p. 116-117).

Assim, ele identifica duas maneiras diferentes onde o sujeito que conhece, e que por meio de sua identificação com o corpo aparece como indivíduo, se manifesta neste mesmo corpo: de um lado como representação de quem intui no entendimento, de outro, totalmente diferente, como aquilo que é percebido por cada um e que recebe o nome de vontade.

Schopenhauer acredita ser impossível a separação entre um ato da vontade e um movimento do corpo, eles estarão sempre intrinsecamente ligados: não se pode ter um ato da vontade sem que se perceba seu reflexo no movimento corporal. Dessa forma: “A ação do corpo nada mais é senão o ato da vontade objetivado, isto é, que apareceu na intuição” (SCHOPENHAUER, 2013, p. 117), daí resulta a expressão objetividade da vontade cunhada pelo filósofo, que neste caso está relacionada com o corpo. Após ele conclui que “a vontade é o conhecimento *a priori* do corpo, e o corpo é o conhecimento *a posteriori* da vontade” (SCHOPENHAUER, 2013, p. 117).

Logo, é apenas na reflexão que o querer e o agir são diferentes, pois na realidade factual serão sempre inseparáveis. Um ato imediato da vontade é também um ato imediato do corpo, e em confluência, um ato imediato do corpo é também uma atuação sobre a vontade: quando está última é contrariada, surge a dor, quando atendida, o prazer. Essa relação é verificável ainda quando todo movimento

descomedido da vontade sobre o corpo, o atinge ao ponto de desordenar suas funções vitais. O indivíduo, a partir de si, percebe que

há algo que diferencia a representação do próprio corpo de todas as demais representações, que de resto são totalmente iguais a ele; noutros termos, o corpo se dá à consciência de um modo *toto genere* diferente, indicado pela palavra VONTADE (SCHOPENHAUER, 2013, p. 120s).

Já em relação ao futuro, segundo Schopenhauer, as decisões da vontade não passariam de um desejo projetado para ser realizado posteriormente, mas não seriam atos da vontade na prática (2013, p. 117). Somente a realização revela a decisão, o presente é a condição para essa verificação, e até que isso aconteça, nada passará de intenção existente somente *in abstracto*, na razão. A partir dessa concepção, é possível compreender por que Schopenhauer foi um crítico ferrenho do pensamento de Hegel, que cunhando a filosofia da história, dizia que a verdade é o espírito absoluto que perpassa toda a história, que todos os seus acontecimentos são necessários para que o homem progrida e gere autoconsciência, assim, tudo o que acontece teria a obrigação de assim suceder. Já para Schopenhauer, nunca teremos o que deve acontecer, mas somente a realidade efetiva.

A vontade que atua no presente, tem ainda um elemento externo de extrema influência sobre a si: os motivos. Eles, porém,

só determinam o que eu quero NESTE tempo, NESTE lugar, sob ESTAS circunstâncias; não QUE ou O QUE eu quero em geral, ou seja, as máximas que caracterizam todo o meu querer. Em virtude disso, a essência toda do meu querer não é explanável por motivos, já que estes determinam exclusivamente sua exteriorização em dado ponto do tempo, são meramente a ocasião na qual minha vontade se mostra: a vontade mesma, ao contrário, encontra-se fora do domínio da lei de motivação: apenas sua aparência em dado ponto do tempo é necessariamente determinada por tal lei (SCHOPENHAUER, 2013, p. 124).

Ele então chega à conclusão que somente na aparência a vontade é analisada pela razão, portanto não alcançando a sua essência, o que o faz afirmar que nesse sentido ela será, em si, sem fundamento. Assim, seria possível apenas fundamentar os atos isolados da vontade, primeiramente manifestados nos movimentos corporais e que são causados pelos motivos, mas isso será sempre exterior. Mesmo sem fundamentá-la, não se pode colocar em dúvida sua essência como vontade, pois um ato isolado da vontade sempre terá relação com o seu todo. Essa relação entre motivo,

corpo e vontade, é de fácil percepção quando, por exemplo, se nota como um ato inflamado da vontade transtorna o funcionamento do corpo. O corpo torna-se a visibilidade da vontade: todo movimento intencional é um ato de vontade.

Após suas exposições sobre a vontade, acima sintetizadas, o filósofo no livro II de *O mundo como vontade e como representação*, introduz sua ideia central e inovadora sobre a vontade: aquele que a compreende como essência em si da própria aparência, *in abstracto*, alcança também o fulcro primordial de toda a natureza. Assim sendo, o indivíduo reconhecerá também, que existe uma essência mais íntima em todas as coisas, em tudo o que está ao seu redor, em tudo o que os seus olhos alcançam ou não, e nos quais ele só contempla a aparência, ou seja, a representação. Ele expandirá sua percepção também para o interior de toda a natureza, para

a força que vegeta e palpita na planta, sim, a força que forma o cristal, que gira a agulha magnética para o polo norte, que irrompe do choque de dois metais heterogêneos [...] tudo isso é diferente apenas na sua aparência, mas conforme sua essência em si é para se reconhecer como aquilo conhecido imediatamente de maneira tão íntima e melhor que qualquer outra coisa e que, ali onde aparece de modo mais nítido, chama-se VONTADE. Esse emprego da reflexão é o único que não nos abandona na aparência, mas, através dela, leva-nos à COISA EM SI (SCHOPENHAUER, 2013, p. 128).

Eis aqui a singularidade do pensamento schopenhaueriano: a vontade para ele é a essência de cada particular, mas também do todo, o núcleo de toda ação humana e de toda a força da natureza, ela equivale ao que Kant chamava de coisa em si. Ela está presente também, quando não há motivos ou representações e é facilmente percebida no reino animal, conforme Schopenhauer, quando o jovem pássaro constrói o seu ninho sem ter representação alguma dos ovos que irá colocar mais tarde, quando a aranha constrói a sua teia sem ter também representação da sua presa (2013, p. 133). Já no ser humano ela será manifesta também, por exemplo, por meio de estímulos em diversas funções vitais do corpo (funções sanguíneas, cerebrais etc.), nesses casos não precisará de representações para se manifestar, ela agirá cegamente.

A percepção da vontade em situações como essas, onde há ausência de motivo e de representação, nos levará a identificar também a sua presença em situações menos explícitas. O francês Jean Lefranc, professor de filosofia, mestre e conferencista na Universidade de Sorbonne, separa bem a coisa em si schopenhaueriana do fenômeno:

Trata-se, sempre, de distinguir a superfície das coisas – sua exterioridade – e seu ser próprio e íntimo. A relação entre o fenômeno e o em si é a mesma que se dá entre o de fora e o de dentro: o conhecimento objetivo continua sendo um conhecimento do exterior encerrado no mundo da representação (LEFRANC, 2019, p. 88).

Essa vontade que está presente em tudo e em todos, justamente por isso, acaba também por querer devorar a si mesma: o homem que precisa dos animais, os animais que precisam uns dos outros, que também precisam das plantas, que precisam do solo, da água etc. Justamente disso sucede a busca, a caça, a disputa, a angústia, o tédio, o sofrimento. Ela está presente no ciclo de todas as coisas, e por isso não ter um limite e um fim, sempre fará parte da sua essência. A semente que germina e cresce, produzirá depois outra que fará a mesma coisa, os animais que acasalam e procriam, geram outros que iniciarão um novo ciclo. Deste modo, tudo o que se manifesta na aparência como um resultado, marcará sempre o início de um novo decurso, outrora já percorrido.

Esse desejo devorador da vontade, que não tem limite e nem fim, também será identificado nas aspirações e interesses do homem. Nele, a satisfação apresenta-se como o objetivo final da vontade, mas quando alcançado, mira uma nova meta, e um novo ciclo se inicia. Destarte, o homem vive então num constante desejo, sem perceber, que vive também numa constante ilusão.

2.3 A INSATISFAÇÃO DO HOMEM

No livro III de O mundo como vontade e como representação, Schopenhauer faz uma nova abordagem sobre a representação, agora apresentando-a independente do princípio da razão. Para que isso aconteça, o homem deverá estar destituído de toda vontade: de toda a sua força e influência, de todo modo de consideração das coisas e dos seus conceitos, de todos os seus questionamentos e comparações, enfim, de toda ciência. O meio com o qual ele alcançará isso é a arte, considerada por ele como a obra de um gênio.

Somente a arte teria o poder de retirar o homem dessa condição de estar sempre subjugado pela vontade, ela é o único modo de conhecimento que, isolando o objeto diante de si, analisa somente as essências das coisas. É definida por

Schopenhauer “como modo de consideração das coisas independente do princípio da razão” (SCHOPENHAUER, 2013, p. 213). Já a ciência, diferentemente,

segue a torrente infinda e incessante das diversas formas de fundamento e consequência: a cada fim alcançado ela é novamente atirada mais adiante, nunca podendo encontrar um objetivo final ou uma satisfação completa, da mesma maneira como não se pode, correndo, alcançar o ponto onde as nuvens tocam a linha do horizonte; a arte, ao contrário, encontra em toda parte o seu fim (SCHOPENHAUER, 2013, p. 2013).

Como dito, a arte é produzida pelos gênios, e esses para Schopenhauer, são pessoas que esquecendo de si têm a capacidade de contemplar os objetos como eles são em sua essência. Quem assim age perde-se na intuição de maneira pura, sem permitir que seu conhecimento interfira na sua relação com o objeto. Dada a dificuldade de não se deixar influenciar pela razão, os gênios serão sempre uma raridade, pois a maioria dos homens movidos pela vontade, constantemente serão impulsionados pelo seu querer, que sempre fará deles prisioneiros:

Todo QUERER nasce de uma necessidade, portanto de uma carência, logo, de um sofrimento. A satisfação põe um fim ao sofrimento; todavia, contra cada desejo satisfeito permanecem pelo menos dez que não o são: ademais, a nossa cobiça dura muito, as nossas exigências não conhecem limites; a satisfação, ao contrário, é breve e módica. Mesmo a satisfação final é apenas aparente: o desejo satisfeito logo dá lugar a um novo: aquele é um erro conhecido, este um erro ainda desconhecido. Objeto algum alcançado pelo querer pode fornecer uma satisfação duradoura [...] Daí, portanto, deixar-se inferir o seguinte: pelo tempo em que estamos entregues ao ímpeto dos desejos com suas contínuas esperanças e temores, por conseguinte, pelo tempo em que somos sujeito do querer, jamais obteremos felicidade duradoura ou paz (SCHOPENHAUER, 2013, p. 226).

A arte surge como um elemento externo capaz de elevar o homem de sua condição de escravo da vontade, particularmente as artes plásticas, a poesia, e sobretudo, a música. Porém, esse efeito da arte sobre o homem é limitado e temporal, ela age de maneira a aliviá-lo, como um sedativo, sua ação é momentânea e não pode libertá-lo completamente, pois “ele mesmo é a vontade que objetiva a si mesma e persevera no sofrimento sem fim” (SCHOPENHAUER, 2013, p. 309), retornando mais cedo ou mais tarde, a ser dominado pela vontade, pelo seu querer.

Depois de tratar a arte como um consolo para o homem, no livro IV de O mundo como vontade e como representação, Schopenhauer explana o que ele descreve como a parte mais séria da sua obra, nela ele trata diretamente do que tange a vida e as ações dos seres humanos, não pretendendo ditar leis e regras, mas ajudar o

homem a dispor o espírito para uma mudança radical diante de algo que o aprisiona. Pois a vontade é uma força que nunca muda, “é apenas querer mesmo” (SCHOPENHAUER, 2013, p. 341), ela está a todo tempo desejando e ansiosa por ser saciada. O homem que por meio do conhecimento se dá conta dessa verdade, sofre, pois percebe que ela o impulsiona a todo momento, que sempre o acompanha, daí sucede o peso de consciência que “em relação a atos praticados não é arrependimento, mas dor sobre o conhecimento do próprio si mesmo, ou seja, da vontade” (SCHOPENHAUER, 2013, p. 344).

Esse conhecimento faz com que as aparências da vontade se manifestem como maior evidência e força no homem, do que nos animais, por exemplo. Pois quanto maior e melhor for o desenvolvimento dessa faculdade, mais a vontade irá revelar os seus desejos, seus anseios. É o que diz Théodule Ribot, filósofo francês considerado o pai da psicologia científica francesa: “A espécie sozinha tem uma vida sem fim, e por conseguinte, um desejo sem fim, uma satisfação sem fim e uma dor sem fim. E tudo isso está aprisionado no coração estreito de um mortal” (RIBOT, 2012, p. 147, tradução nossa²). Desta forma a vontade sempre buscará se afirmar, satisfazer-se, desde as coisas mais simples do reino vegetal e animal, até suas aparências mais desprezáveis na vida do homem, e por isso, Schopenhauer afirma que “toda vida é um sofrimento” (2013, p. 360).

O homem que conhece, quer e deseja a todo instante, se satisfaz quando sua vontade é correspondida rapidamente, e quando essa lhe falta, cai na tristeza de quem novamente quer desejar algo, deste modo, está frequentemente insatisfeito. Diante dessa constatação Schopenhauer afirma uma de suas frases mais conhecidas sobre a realidade humana: “Sua vida, portanto, oscila como um pêndulo, para aqui e para acolá, entre dor e tédio, os quais em realidade são seus componentes básicos” (SCHOPENHAUER, 2013, p. 361).

Portanto, a satisfação terá sempre um aspecto negativo, pois ela nunca chegará ao homem de maneira livre e espontânea, como um prêmio, mas sempre estará relacionada com um desejo, ele será a condição para a sua existência:

A satisfação [...] nada é senão a liberação de uma dor, de uma necessidade: pois a esta pertence não apenas cada sofrimento real e manifesto, mas também cada desejo cuja inoportunidade perturba a nossa paz, ou inclusive

² “L’espèce seule a une vie sans fin et par suite un désir sans fin, une satisfaction sans fin et une douleur sans fin. Et tout cela est emprisonné dans le cœur étroit d’un mortel” (RIBOT, 2012, p. 147).

até mesmo o mortífero tédio que torna nossa existência um fardo. É extremamente difícil obter e conservar alguma coisa: a todo plano opõe-se um sem-fim de dificuldades e problemas (SCHOPENHAUER, 2013, p. 370).

A todo instante a vontade luta por afirmar-se e já que o corpo humano é sua objetividade, é também o lugar onde ela se manifesta, é dele que ela usa para materializar essa afirmação a fim de satisfazer-se. Desde que sua consciência começa a tomar forma e a amadurecer, o homem é reconhecido como um ser que quer e isso sempre terá relação com a vontade. Ele conhece com o passar do tempo os objetos do seu querer e cria os meios necessários para obtê-los. Querendo afirmar-se, o homem então cai no egoísmo: “Eis por que cada um quer tudo para si, quer tudo possuir, ao menos dominar, e assim deseja aniquilar tudo aquilo que lhe opõe resistência” (SCHOPENHAUER, 2013, p. 385).

O ser humano que afirma sua vontade, tornar-se cada vez mais presa de si mesmo, um egoísta sem limites, onde lhe é bom e agradável somente aquilo que lhe convém e que está em conformidade com a sua vontade, da mesma forma, tudo aquilo que a reprime e recusa, lhe é mau e desprezível. Assim sendo, chega ao ponto de invadir a liberdade do outro para assegurar a sua. Daí advém a injustiça, a traição, a violência, a escravidão, o homicídio, as guerras e toda e qualquer forma de exploração em que ele anula a vontade do outro, para iludido, querer ver a sua triunfar. Com os olhos voltados somente para si mesmo, o homem não é capaz de olhar para a angústia alheia e ter compaixão:

O mundo ilimitado, cheio de sofrimento em toda parte, no passado infinito, no futuro infinito, é-lhe estranho, sim, é para ele uma fábula: sua pessoa que desaparece, seu presente inextenso, seu conforto momentâneo, só isso possui realidade para ele: e a fim de mantê-los faz de tudo, pelo menos durante o tempo em que os seus olhos não são abertos por um conhecimento melhor (SCHOPENHAUER, 2013, p. 409).

Somente o indivíduo que reconhece a vontade nele atuante, como a mesma presente em todas as coisas, de maneira particular em seus semelhantes, e que a única coisa desigual é a sua manifestação na aparência, é capaz de libertar-se do egoísmo. Pois verá no sofrimento alheio também o seu, a vontade atuante no outro, a mesma que nele se manifesta. O indivíduo que este estado alcançar, conseguirá dilatar o seu coração e se compadecer dos mais necessitados, e assim, aos poucos, ir desfazendo os laços que lhe aprisionam à sua vontade através de um amor puro:

O que os pode mover a bons atos e a obras de amor é sempre e tão somente o CONHECIMENTO DO SOFRIMENTO ALHEIO, compreensível imediatamente a partir do próprio sofrimento e posto no mesmo patamar deste. Daí segue o seguinte: o amor puro, em conformidade com a sua natureza, é compaixão; e o sofrimento que ele alivia (ao qual pertence todo desejo insatisfeito) tanto pode ser grande quanto pequeno (SCHOPENHAUER, 2013, p. 436).

A percepção da vontade que atua em si, ou seja, dessa força que o impulsiona a todo instante a satisfazer-se e a confirmar-se, querendo iludi-lo, está presente também em tudo e em todos, é a chave para uma grande transformação na vida do homem. Ele “apreende a sua essência e encontra o mundo condenado a um perecer constante, a um esforço vão, a um conflito íntimo e sofrimento contínuo” (SCHOPENHAUER, 2013, p. 440). Ao deparar-se com essa realidade, o indivíduo inicia um grande processo de transformação na sua vida, pois a partir desse momento, “sua vontade se vira, ele não mais afirma a própria essência espelhada na aparência, mas a nega” (SCHOPENHAUER, 2013, p. 441).

O homem que outrora afirmava a sua vontade, chegando a este estado, começa a repulsá-la, pois compreende que sua manifestação no seu corpo quer corrompê-lo, enganá-lo com uma falsa proposta de satisfazê-lo. À vista disso, ele inicia um processo de identificação para reprimi-la em seu corpo, evitando prendê-la a qualquer coisa, dando abertura a um processo ascético para educar-se. A ascese será um meio eficaz para que o homem, voluntariamente, possa mortificar-se e negar tudo que a vontade lhe instiga, ele “mortifica sua visibilidade, a sua objetividade, o corpo: alimenta-o de maneira módica para evitar que seu florescimento exuberante e prosperidade novamente animem e estimulem fortemente a vontade” (SCHOPENHAUER, 2013, p. 443).

Schopenhauer está convencido de que suas conclusões a respeito da vontade e de sua negação não é um “conto de fadas filosófico por ele inventado: não, foi a vida invejável de muitos santos e belas almas entre cristãos, [...] entre os hindus e os budistas, também entre outras confissões religiosas” (SCHOPENHAUER, 2013, p. 444) que o fizeram chegar a elas. Importante salientar que ele o foi o primeiro entre os grandes filósofos do ocidente a destacar e colocar em evidência o pensamento e espiritualidade orientais. Para ele, será de grande relevância o testemunho de homens e mulheres que souberam viver essa realidade em suas vidas:

Como o conhecimento do qual procede a negação da vontade é intuitivo e não abstrato, ele encontra a sua expressão perfeita não em conceitos abstratos, mas apenas nos atos e na conduta. Assim, para se compreender por completo o que expressamos filosoficamente como a negação da vontade, é preciso conhecer os exemplos da experiência e da realidade (SCHOPENHAUER, 2013, p. 445).

Já que encontrar-se com pessoas que vivam de maneira tão radical e penitente é uma realidade difícil, Schopenhauer indica a literatura para a inspiração do homem, principalmente a hinduísta, budista e a cristã. Elas irão relatar “testemunhos de homens e mulheres que tiveram sua vontade abnegada, santos, mas que terão seus nomes silenciados pela história universal, que estará interessada somente em confirmar a vontade” (SCHOPENHAUER, 2013, p. 447), e mostrarão ainda o “quanto sua visão é antiga, por mais nova que possa ser a pura expressão filosófica da mesma” (SCHOPENHAUER, 2013, p. 448).

Existe ainda uma grande diferença no estado de ânimo entre os seres que se deixam dominar pela vontade e aqueles que a repreendem:

O indivíduo mau, pela veemência do seu querer, padece sem cessar um corrosivo tormento interior e, ao fim, quando esgotam-se todos os objetos do querer, sacia a sua sede no espetáculo do tormento alheio; ao contrário, o indivíduo no qual surgiu a negação da Vontade de vida é cheio de alegria interior e verdadeira paz celestial, por mais pobre, destituído de alegria e cheio de privação que seja o seu estado quando visto de fora (SCHOPENHAUER, 2013, p. 452).

A negação da vontade embora alcançada, não significa o fim de tudo, uma meta atingida onde os esforços cessam. Pois como o corpo é a objetividade da vontade, o lugar onde ela irá insistir para se manifestar com toda a sua força, a luta irá continuar enquanto houver vida. Conseqüentemente, o indivíduo precisará renovar constantemente sua vigilância e prudência, para que alcançando novas lutas por meio negação da vontade, possa combater o sentimento constante de insatisfação e obter a verdadeira quietude da alma.

3. METODOLOGIA

No presente estudo foi utilizado uma pesquisa de natureza exploratória, onde, analisando a principal obra de Arthur Schopenhauer, O mundo como vontade e como representação, expõe-se as causas que levam o homem a uma insatisfação constante

diante da vida. Para isso, ele foi estruturado de maneira progressiva conforme a mesma linha de pensamento utilizado pelo filósofo na sua obra, no qual primeiro é esclarecido o seu conceito de representação, logo após o de vontade, para, por fim, evidenciar-se o que leva o sujeito a estar insatisfeito com a vida, apresentando também o percurso proposto pelo filósofo como solução para esse problema.

De natureza qualitativa, junto com as apreciações feitas através de revisões literárias, buscou-se investigar por meio do pensamento schopenhaueriano, o processo interno do homem até chegar à insatisfação.

Além da obra prima de Schopenhauer utilizada como fonte de pesquisa primária, foram utilizadas também fontes secundárias através de livros de outros autores para melhor desenvolvimento e compreensão do tema, evidenciando assim seu caráter bibliográfico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenrolar deste estudo, explorou-se a insatisfação do homem segundo o pensamento de Arthur Schopenhauer, em seu principal escrito, “O mundo como vontade e como representação”. Verifica-se a relevância do tema e sua contínua atualidade, pois se a insatisfação é o produto da vontade atendida e confirmada, e que enquanto existir vida, existirá também a vontade, conclui-se que o homem estará sujeito a insatisfação enquanto for indivíduo no mundo.

Dada a situação hodierna, onde a tecnologia é portadora da novidade que atrai o ser humano para o consumo, em tempos em que a ciência acredita ser protagonista e pensa ter solução para tudo, e o que se chama de arte por vezes não consegue elevar a criatura humana, o contato com o pensamento schopenhaueriano mostra-se um importante instrumento para alforriar o homem da sua egolatria e da utopia de querer satisfazer-se.

Após a percepção de que a compreensão das coisas e do mundo em geral, não passam de meras representações, sendo elas intuitivas e abstratas, e que a essência mais íntima delas é a vontade, que a todo momento luta por confirmar-se, infere-se que o caminho proposto por Schopenhauer para um vida livre é o da negação da mesma, onde o indivíduo em estado de vigiância, abnega-se do seu querer para não viver subjugado pela vontade.

A filosofia schopenhaueriana, em suma, impele o homem a uma verdadeira análise de si próprio, a fim de conduzi-lo a uma práxis ética de solidariedade ao sofrimento alheio, que somada à renúncia de si mesmo, o conduzirá a uma vida mais livre e com mais sentido.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, J. **Schopenhauer**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LEFRANC, J. **Compreender Schopenhauer**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

RIBOT, T. **La philosophie de Schopenhauer**. Paris: Hachette Livre BNF, 2012.

ROGER, A. **Vocabulário de Schopenhauer**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e como representação**. São Paulo: Unesp, 2013.